

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Ludovico Antonio Muratori**

Regina Célia de Melo Morais \*

**Resumo:** Ludovico Antonio Muratori, um dos maiores eruditos da primeira metade do século XVIII, próximo, nas idéias religiosas, do esclarecido papa Bento XIV, preocupado, como a sua época, de um modo geral, com o aprimoramento da convivência humana e, sobretudo, um dos formuladores, pelo menos, daquela Ilustração católica que tanta influência exerceu em Portugal no século XVIII. Um panorama das implicações deste autor e de sua obra constituem o objeto deste trabalho.

**Palavras-chave:** Muratori – Ilustração Católica – Ilustração

**Abstract:** Ludovico Antonio Muratori, one of the greatest minds of the first half of 18th century, close in his religious ideas to Pope Benedict XIV, worried, as usual in his era, about the improvement of human conditions and above all, one of the creators of that Catholic Illustration that had such an enormous influence in Portugal during XVIII century. An overall view of the implications of this author and his masterpieces is the object of this work.

**Keywords:** Muratori - Catholic Illustration - Illustration

Ludovico Antonio Muratori nasceu em 1672 e faleceu em 1750 na região de Modena. Depois dos seus primeiros estudos na pequena vila de Vignola, em 1685, deslocou-se para Modena para estudar Gramática e depois “Lettere Umane” nas escolas dos padres da Companhia de Jesus. Desde sua adolescência foi dado à leitura de romances habituais para seu tempo, por exemplo, os romances de Madame Scudéry.<sup>1</sup> Em 1688, passou pelas primeiras etapas da vida religiosa, iniciando no mesmo ano o estudo da Lógica. Terminado este período propedêutico, se dedicou a partir de 1691, ao estudo das Leis, paralelo ao estudo da Moral Teológica e Escolástica. No início de 1692, terminou o curso de Filosofia. Nesta fase de sua vida, existem notícias do seu mérito em estudos pessoais e dos temas de seu interesse mais direto, descobrindo através dos poetas arcaicos, como Carlo Maria Maggi e Francesco Lemene, a literatura clássica, com Sêneca, Quintiliano, Libônio, além de aproximar-se do

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense Titulo de Mestre

Madeline de Scudéry (1607-1701) grande autora da literatura francesa do tardo Seiscentos: figura eminente do Hotel de Rambouillet e do Preciosismo; Luiz XIV a sua Corte.

exercício da poesia jesuítica e barroca, sempre segundo os cânones da Reforma católica. Em 1692, associou-se à Academia dos Ilustres, de Bolonha.

Daí em diante abriu-se um caminho para a aberta paixão pela erudição profana, atingindo sua plenitude quando iniciou a dedicar-se ao estudo do grego em 1693. Mestre no caminho de seus estudos foi Benedetto Bacchini (1651-1721), monge beneditino da Congregação Cassinese, pretor da Casa d'Este, responsável pelo Mosteiro de São Pedro em Modena e Bibliotecário do Duque Rinaldo I. Bacchini assumiu o ensinamento do grego e da “erudição profana”, além de, sobretudo introduzir Muratori nos projetos filológicos dos padres Maurinos e no exercício da paleografia, com os códices manuscritos do arquivo da Catedral de Modena. Em 1694, Muratori foi promovido a diácono.

Um período importante na vida de Muratori foi o período em Milão, que começou em fevereiro de 1695, quando chegou à Biblioteca Ambrosiana de Milão, onde seu Conservador Perpétuo, Gilberto Borromeu (1671-1740), Bispo de Novara, irmão do Conde Carlo Borromeu, havia apoiado sua transferência. A permanência em Milão, de 1695 à 1700, foi a ocasião para Muratori estabelecer novos e intensos contatos, como, por exemplo, com o agostiniano Celso Cerri e com o padre jesuíta Tommaso Ceva; iniciou ainda neste tempo uma assídua correspondência com Antonio Magliabechi, segundo Sergio Bertelli este último foi aquele que abriu o caminho da fama, graças a seus amplos contatos europeus, tinha como fazer chegar o nome de Muratori além dos Alpes. Foi graças às apresentações de Magliabechi, de fato, que ele começou sua correspondência literária com estudiosos entre os quais Gisbert Cuper, M. Antoine Baudrand, Guillaume Boujour, Otto Mencke, Jacques Anisson, A. Maria Salvani.

Como Milão era naqueles fins do Seiscentos uma cidade vivaz no plano intelectual, Muratori experimentou uma variedade de estímulos, como a participação na *Accademia de' Faticosi* e as reuniões de uma *Accademia di Filosofia Morale e di Belle Lettere*, na Casa Barromeo, na qual desenvolvia o ofício de confessor. Em 1699, encontrou e acompanhou, em visita à Biblioteca Ambrosiana, Bernard de Montfaucon (1655-1741), o erudito beneditino aluno de Mabillon, que estava em viagem de estudos pela Itália.

Entre os pontos a ressaltar nesse período, destaca-se seu contato com intelectuais e religiosos, que o levaram a distanciar-se dos temas da cultura barroca e jesuítica e a aproximar-se das sugestões da Arcádia. A influência do agostinismo erudito, rigorista e jansenista permitiu que Muratori confirmasse as posições religiosas que tinha absorvido de Bacchini, assim como o aperfeiçoamento do trabalho de erudição. Respirou assim Muratori em Milão uma atmosfera espiritual impregnada de brilho religioso, de anti-escolástica e de

refutação à cultura política da *razão de estado*. No plano filosófico, amadureceu nele uma orientação anti-pirronista, de matriz agostiniana, à qual somaram-se os primeiros elementos de um pensamento racional e empírico derivados da leitura, mesmo que parcial, de Bacon e de Locke.

Muratori foi chamado de volta a Modena, em 1700, como arquivista e bibliotecário do duque Rinaldo I d'Este, não mais se afastando da cidade, a não ser por breves períodos e curtas viagens. Padre secular e atuando como advogado do duque de Modena contra as pretensões da Cúria romana, Muratori defendeu seu príncipe contra as ambições territoriais romanas. Nesse sentido, partilhava a idéia de uma separação do temporal em relação ao espiritual, que o fazia crer que uma sociedade feliz exigia condições materiais adequadas. Para ele o racional tem necessidade do útil, outra palavra chave que vai se tornar imperiosa e de alguma forma critério supremo na Europa das Luzes. Da mesma forma, na linhagem dos antigos humanistas, rechaçava milagres e presságios, revelando uma considerável independência de espírito, atitudes que o situam com clareza naquela Ilustração moderada, característica da Península Itálica e de boa parte da Europa mediterrânea no século XVIII (HAZARD, 2003-49).

O posicionamento favorável de Muratori a uma renovação do pensamento religioso acabou por envolvê-lo em polêmicas, dentro e fora da Itália. Exemplo disso foram duas questões religiosas: o caso do *sigilismo* e o do *voto sanguíneo*, entre outros, que serão abordados adiante. Apesar disso, em momento algum Muratori pretendeu situar-se fora da ortodoxia da Igreja e temia ver seu nome envolvido nessas disputas por causa do risco de que seu nome fosse incluído no Index. Como registra A. Dupront, ao ser instado pelo abade de São Paulo-fora-das-Muralhas a escrever sobre a usura, ao invés de tratar das missões jesuíticas do Paraguai, como pretendia, observou Muratori que “o primeiro [tema, as missões jesuíticas] poderia interessar a todos e não ter inimigos; enquanto o outro [a usura] é perigoso por que irrita o rigor dos canonistas [...]” (DUPRONT, 1976:113).

Com base em seus estudos do direito, desenvolveu Muratori a sua batalha nos campos da cultura e dos costumes vigentes na *República Cristã*, mas também frente às controvérsias com os protestantes. Muratori não admitia o critério do *livre exame* adotado pelos protestantes, já que os postulados da fé tinham a sua fonte na Revelação, sendo, assim, passíveis de considerações racionais, mas não de *demonstrações*. Segundo Muratori, os dogmas podiam ser explicados na sua forma lingüística, interpretados, pela especulação racional, mas não emendados na substância do seu significado por um exame do indivíduo. O único legítimo intérprete do Texto Sagrado era a autoridade eclesiástica, que exercia tais

funções segundo uma tradição hermenêutica iniciada pelos apóstolos e prosseguida pelos pontífices e os santos padres.

Muratori, por conseguinte, definia rigorosamente a área do dogma como aquela em que vigorava a proeminência do princípio da autoridade na interpretação. Disso resultava, por outro lado, que tudo aquilo que não fosse objeto da revelação nem matéria de fé tornava-se passível de exame racional e de livre de argumentação por parte dos homens. Aí incluía-se em particular a História da Igreja, com seus milagres, santos, relíquias, etc., a atuação dos papas enquanto príncipes seculares, a disciplina eclesiástica e as regras de devoção, além das disciplinas profanas, como a Ciência e a Filosofia. Para ele, exceto quanto aos dogmas, a Igreja e os padres podiam errar e, portanto, Muratori propunha que se moderasse a censura sobre os livros de argumento não religioso. Mais tarde, em sua obra *De Moderatione* (1737), ele voltou a revelar-se um representante da Reforma na Igreja católica, apostólica e romana, de acordo com o espírito do Concílio de Trento (1545-1563), assim como um defensor intransigente da tradição textual do Cristianismo que fazia da Igreja o único interprete legítimo da verdade revelada, que assegurava aos homens a salvação.

Tomando Mabillon por modelo, Muratori partiu sempre de um exame escrupuloso das fontes e até superou seu mestre em alguns aspectos, distinguindo com maior precisão os relatos antigos dos mais recentes e dando-se conta, melhor do que qualquer outro, antes de Voltaire, do quanto os relatos mais exatos dos contemporâneos podiam sofrer deformações involuntárias. Sobre o método que utilizava para escrever *história*, nos fala Andreoli, Muratori não só dava crédito às fontes e aos fatos próximos no tempo, mas procurava consultar possíveis testemunhos oculares ou ao menos presentes *in loco*. E não dava voz a um só testemunho, tratando sempre de comparar os diversos discursos, de modo que, do confronto pudesse enfim brotar a *verdade*. As *Rerum Italicarum Scriptores* representavam uma evidente ligação com o Ducado Estense e foram sendo publicadas ao longo de boa parte de sua vida, embora, na década de 1730, tivessem deixado de ser a iniciativa original de duas ou três décadas antes.

Por força das circunstâncias, Muratori foi *guibellino* na juventude, ou seja, partidário do imperador contra as pretensões temporais do papa. Mas, nos anos de 1740, muitas águas já tinham passado sob as pontes das cidades italianas. A própria distância entre as suas posições durante a Guerra da Sucessão Espanhola, na primeira década do século XVIII, e aquelas que adotou ao escrever a parte conclusiva de seus *Annali* permite medir, melhor que qualquer documento contemporâneo, o caminho percorrido por uma geração. As grandes palavras – *guelfi*, *guibellini*, *imperiais* e *espanhóis* – estão ausentes. Nos *Annali*

(1744-49), de fato, evidencia-se sua profunda preocupação com a situação política e a ligação que desenvolveu com a cidade de Modena e o ducado estense. Importam-lhe pouco a essa altura as rixas e contendas das grandes potências, para olhar de uma forma nova e mais insistente para a efetiva realidade do Estado de Modena que vai surgindo das cinzas das batalhas, militares e dinásticas. Claro que Muratori já está velho, às portas da morte, e o seu olhar se faz destacado e distante. Apesar disso, embora dominado pela idéia tradicional da imparcialidade, há neste ato seu qualquer coisa de mais profundo, que corresponde melhor à Itália em que vive. Inútil era para Muratori a guerra, um desperdício de energia e de vidas humanas. O seu olhar, em toda a parte conclusiva dos *Annali*, aponta sempre fixamente para os sofrimentos, os males e as dores dos “pobres povos condenados a fazer penitência pelos atos indignos de seus soberanos” (VENTURI, 1969:67).

No início da década de 1740, o bibliotecário de Modena pareceu empenhado sobretudo com alguns aspectos religiosos, vistos mais como superstição, como é o caso, a ser examinado adiante, do *voto sanguinário* e de outras *superstições ibéricas*, como ele as chamava. Introduz-se, assim, em seus escritos, as propostas de reforma, que aparecem em particular nos livros de direito e economia, como no *Trattato de' difetti della giurisprudenza* (1742), em *Del governo della peste* (1743) e, mais do que todos, em *Della pubblica felicità* (1749). Da mesma forma, ao envolver os homens mais famosos da república literária italiana dos anos de 1740, os debates sobre a usura e sobre a redução do número das *festas de preceito* durante o pontificado de Bento XIV iluminaram, mesmo que de modo curiosamente distorcido, os problemas centrais da situação italiana de então, envolvendo também a questão do luxo e aquela da agricultura, a dos programas neo-mercantilistas como as reformas jurídicas. É o caso das relações entre Muratori e Scipione Maffei (1675-1755), natural de Verona, autor de *Dell'impiego del denaro* (1744), que o primeiro apoiou, assim como as opiniões daquele sobre as festas, que este sustentou. Para o modenense, o povo não tinha nas festas nada de religioso além da missa, pois tratava logo de embriagar-se, de comer, jogar, pronunciar insolências e risos, às vezes, com violência. Tal postura vinha reforçada pelos apelos de alguns clérigos, como o arcebispo de Nizza e o bispo de Bamberg, chegando este a comparar a situação com a das aldeias protestantes alemãs, ditas heréticas, em que, havendo menos festas, havia maior chance de sobrevivência, pois os homens tinham mais dias para trabalhar e enriquecer.

Alberto Vecchi baseia a evolução do pensamento de Muratori no seu núcleo religioso: “o espírito da reforma tridentina”, “a absorção de humores de Santo Agostinho”, “a autoridade de São Carlo Borromeu”. Este núcleo do pensamento religioso de Muratori surge

já formado nos anos de magistério de Bacchini e da temporada em Milão. A *consciência religiosa* e uma particular cultura religiosa, na vitalidade e riqueza de suas determinações, seriam as condicionantes para o desenvolvimento das idéias e obras de Muratori. A história dos pontífices e da própria Igreja italiana no século XVIII foram elementos condicionais que, de tempos em tempos, estimularam Muratori a orientar-se nesta ou naquela direção, desde a coragem reformadora do pontificado de Inocêncio XI (1676-1689), do qual foi propagador Bacchini, o mestre de Muratori, até o espírito purificador e renovador tridentino que se espalha durante o pontificado de Bento XIV (1740-1758).

Giulio de Martino, ao contrário de Vecchi, destaca que é perceptível a existência de uma marcada continuidade, transversal, longitudinal, na inspiração de fundo da pesquisa de Muratori: uma inspiração delineada em Milão e precisa já em 1708. Uma continuidade e coerência que une obras que, no plano das disciplinas, pareceriam separadas e distintas uma das outras, mas que, por outro lado, respondem de modo homogêneo às constantes interrogações presentes no pensamento de Muratori e obedecem a esquemas intelectuais flexíveis, porém bem definidos. Certo, os interesses de Muratori são diversos nos diferentes períodos da sua vida e do seu trabalho, mas, excetuada a fase juvenil, que serve oportunamente de *laboratório* de valores, de idéias, de competências, do retorno a Modena, em fins do 1700, até seus últimos escritos, encontra-se em Muratori uma marcada unidade de pensamento, que não pode ser definida a não ser no plano filosófico. Sem dúvida, o núcleo ético e teórico do pensamento de Muratori tinha um forte componente religioso, mas a religião não pode ser representada como uma forma de pensamento totalmente autônoma e auto-suficiente: somente para os místicos mais puros e radicais – e Muratori não o foi, isto é claro – o credo exauria integralmente o horizonte do pensamento e da consciência. A fé de Muratori não foi uma fé *mística*, e sim uma fé *discursiva*. Muratori foi o representante de uma fé racional: tinha respeito aos dogmas, mas não foi dogmático. Isto leva à conclusão de que o pensamento de Muratori não pode ser reduzido, como sustentou Alberto Vecchi, à crença, ao programa tridentino, ao catolicismo. O núcleo de seu pensamento tem ao menos dois focos, dois pólos irradiadores. Um é certamente o do católico, mas o outro é aquele de um intelecto *racional e empirista*, que Muratori adquire do pensamento laico, do racionalismo burguês, do empirismo anti-religioso. A tese de que a Igreja católica pós-tridentina tivesse superado o fechamento escolástico, o dogmatismo, a visão penitencial e pessimista do homem sem se contaminar com a ética protestante, com a cultura do Renascimento e Moderna, é simplesmente uma tese apologética. No entanto, se Muratori foi daqueles que reabilitaram

Galileu Galilei, isso não pode ser atribuído a uma simples adoção do programa de Borromeu, mas a uma sensibilidade especial para os bons argumentos que vinham da cultura científica.

Verifica-se, assim, que Muratori ocupou um lugar central naquelas *Luzes mediterrânicas ou católicas* que tanto influência exerceriam no mundo luso-brasileiro. Daí a importância de estudá-lo melhor.

### **Referências Bibliográficas**

ANDREOLI, Aldo. **Nel mondo di Lodovico A. Muratori**. Bologna: Il Molino, 1972.

BERTELLI, Sergio. **Erudizione e Storia in Ludovico Antonio Muratori**. Napoles: Nella Sede dell' Instituto. 1960

De CARLI, Ferruccio. **L. A. Muratori, la sua vita, la sua opera e la sua epoca**. Florença: Macri, 1955. CALAPAJ, Anna Burlini. **Edizione Nazionale del Carteggio di L. A. Muratori-Carteggio con Zacagni... Zurlini**. v.46. Florença: Leo S. Olschki, 1975.

CASTIGNOLI, Paolo. **Edizione Nazionale del Carteggio di L. A. Muratori-Carteggio con Alessandro Chiappini**. v.14. Florença: Leo S. Olschki, 1975.

\_\_\_\_\_. **Dissertazioni Sopra le Antichità Italiane**. Roma: Presso gli Eredi Barbiellini Mercanti di libri e Stampatori a Pasquino. 1755. 407Pp. [Biblioteca Nacional]

CERRUTI, Giorgio. La Relation des missions du Paraguay e le polemiche francesi sulle reduzioni. In: **Atti del convegno internazionale di studi muratoriani: L. A. Muratori e la cultura contemporanea**. Florença: Leo S. Olschki, 1975. Pp. 271-299.

CERRUTI, Marco e outros. **Il Settecento e il primo Ottocento**. *Storia della Civiltà Letteraria Italiana*. Torino: UTET, 1992.

DUPRONT, Alphonse. **Antonio Muratori et la Société Européenne des pré-lumières**. Florença: Leo S. Olschki, 1976. 160p

FRATI, Carlo. **Dizionario bio-bibliografico dei bibliotecari e bibliofili italiani. Dal sec. XIV al XIX**. Florença: Leo S. Olschki. 1933. Pp.476-478.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da antiga sociedade portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Arcádia, 1975.

HAZARD, Paul. **O pensamento europeu no século XVIII (de Montesquieu a Lessing)**. Trad. Lisboa: Presença, 1983.

\_\_\_\_\_. **A Crise da Consciência Européia (1680-1715)**. Lisboa: Edições Cosmos.1948.

MARTINO, Giulio de. **Muratori filosofo: ragione filosofica e coscienza storica in Ludovico Antonio Muratori**. Napoli: Liguori Editore, 1996.

MARRI, Fabio. 'Un caso di italiano nel Settecento e i suoi riflessi sulla cultura europea: la lingua del Cristianesimo felice di L. A. Muratori dall'originale alla traduzione tedesca.' In. **Italiano: Lingua di cultura europea**. Weimar: Gunter Narr Verlag Tübingen.1997.

RICUPERATI, Giuseppe. '*Ludovico Antonio Muratori e il Piemonte*' In: **Atto del Convegno Internazionali di Studi Muratoriani. La Fortuna de Ludovico Antonio Muratori**. Florença: Leo S. Olschki, 1975. 1-88pp

**The Catholic Encyclopedia**. Online Edition, 2003. Copyright © 2007 by Kevin Knight. <http://www.newadvent.org/cathen/index.html>

TRENTI, Giuseppe. **Edizione Nazionale del Carteggio di L.A. Muratori-Carteggi con Tabacco...Tafari**. v.40. Florença: Leo S. Olschki.1987.

VALENTI, Filippo. **Edizione Nazionale del Carteggio di L. A. Muratori-Carteggio con Fortunato Tamburini**. v.42. Florença: Leo S. Olschki, 1975.

VENTURI, Franco. **Utopia e reforma**. Tradução: Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. **Settecento Riformatore. Da Muratori a Beccaria**. Torino: Einaudi.1969. v.1